



VOZES EM DIÁSPORA: FILOSOFIA EM RITMO E POESIA

LUÍS THIAGO FREIRE DANTAS¹

RESUMO: Esse ensaio consiste em produzir uma filosofia afro-diaspórica tendo como eixo principal algumas vozes atuais do ReP brasileiro. O objetivo é apresentar como a escrita filosófica, em sentido amplo, abarca dessemelhantes meios para expressar as inquietações humanas. Uma expressão que dialoga com as filosofias latino-americana, africana, pensamento radical negro e outros conhecimentos. Por isso, o ensaio busca uma sonoridade que ratifica as vozes diaspóricas da população negra como afirmação de um protagonismo contra o colonialismo epistemológico.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialismo; Filosofia Afrodiaspórica; Rap.

ABSTRACT: This essay consists of producing an Afro-diasporic philosophy with some current voices of Brazilian rap as its main axis. An expression that dialogues with Latin American philosophy, African philosophy, radical black thought and other knowledge philosophies. The objective is to present how philosophical writing, in a broad sense, encompasses similar means to express human concerns. Therefore, the essay seeks a sound that ratifies the diasporic voices of the black population as an affirmation of a protagonism against epistemological colonialism.

KEYWORDS: Colonialism; Afrodiasporic Philosophy; Rap music.

Caminho sem volta

Esse ensaio é parte de uma pesquisa que explora outras formas de escrita para o pensamento filosófico. Nessa pesquisa junto filosofia africana e latino-americana, o pensamento radical negro, o pensamento indígena (ou pensamento contra o Estado) para contra-colonizar as nossas visões de mundo e aquilombar nossa percepção como fonte e produção de existência e de conhecimento. Também vale dizer que essa pesquisa se inicia pelo acontecimento da dessemelhança, o qual já entendo como aquilo que provoca o estranhamento, principalmente por visar uma formação cosmológica tal como Antônio Bispo enuncia:

Então o que eu quero dizer é que não é cosmo-educação, é educação própria. Não é nem educação... Aliás, taí [sic]. Gostei da pergunta! Educar é a mesma coisa de adestrar. A educação é um adestramento e você adestra para quê? Ou para o trabalho ou para o entretenimento, então não é educação, é formação! *Formação cosmológica!*

¹ Professor adjunto de Filosofia da Educação no Departamento de Estudos da Subjetividade e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPed) da UERJ. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenador do MULUNGU: grupo de estudos em leituras contra-coloniais. Coordenador da área de Filosofia Africana e Afrodiaspórica da ABPN. E-mail: fdthiago@gmail.com.

Essas são as palavras que nos movem para a confluência. (BISPO DOS SANTOS; GOLDMAN, 2020, 1h20m40s, grifos nossos)

Assim, a dessemelhança não se dá apenas no âmbito ético e/ou político, inclui estético, epistemológico e, o que será base desse ensaio, o metodológico. Nesse sentido pretendo escrever uma filosofia estranha, já que dessemelha à definição unívoca: “As palavras *Filo*-amor e *sofia*-saber são gregas, por isso a origem da filosofia é grega”. Geralmente isso é afirmado por algumas pessoas que, por conseguinte, têm um modo exclusivo de atribuir quem tem capacidade de expressar essa forma do pensamento humano. A partir daí, eu sustento aqui: filosofia não tem origem, é um “caminho sem volta”. Nela há uma reinvenção contínua que, com isso, apresenta outras vias para escrever/falar filosoficamente. Hoje trarei uma das vias possíveis: o RAP. Estilo musical difundido pelas comunidades negras e periféricas estadunidenses que simbolizou uma reinvenção da expressão cultural, principalmente juntando com o break e o grafite, formando o *hip hop*.

No Brasil ganhou sua singularidade inicialmente nas periferias das grandes capitais em que os cantores e as cantoras expressavam uma sobrevivência diante do racismo, do capital e da colonialidade. Para ratificar essa experiência “africano-brasileira”² escreverei conforme a nossa sonoridade a partir de então: ReP. Porém, já advirto, eu conversarei com o ReP – não sobre e sim com. O que isso significa? Eu vou conversar com trechos de músicas para expor outras percepções de mundo, de “letramentos de reexistências”, como bem aponta Ana Lúcia Silva Souza (2011 p. 158), criando “outras formas de dizer o já dito, imprimindo de forma indelével suas identidades sociais”. Com o entendimento de que o ReP é expressão da cultura da diáspora africana, sabe-se obviamente que o termo cultura possui uma amplitude, uma complexidade difícil de esgotar em poucas páginas. Mas posso dizer que me aproximo daquilo que Eduardo David de Oliveira (2020) define como rede de signos e de significações projetados num tempo e espaço ancestral, pois “*a cultura é o movimento da ancestralidade [...]. Entrelaçando os fios do tempo e do espaço cria-se o tecido do mundo que articula a trama e a urdidura da existência*” (OLIVEIRA, 2020, p. 250, grifos do autor). É dessa definição que eu focalizo o ReP em sua expressão artística. Também dialogo com uma filosofia da arte africana, que conforme diz Souleymane Bachir Diagne (2017, p. 28) é “uma reflexão sobre a significações e os valores que ela carrega”, é a marca do movimento da Negritude “em seus

² Essa expressão eu tomo de Eduardo Oliveira (2020, p. 15) que utiliza para ratificar o território africano reproduzido na cultura brasileira a partir de três princípios: integração, diversidade e tradição.

diferentes aspectos” como sendo “sempre uma estética”, uma produção de sentidos e transformações em que “ritma o mundo”.

Com essa produção e transformação, conforme enfatiza Paul Gilroy (2012, p. 164), envolvida pelos “ritmos irreprimíveis do tambor, outrora proibido, [mas] muitas vezes ainda são audíveis em seus trabalhos” repletos de síncopes, movimentando, animando os desejos de liberdade e afirmação de si “revelados nessa conjunção única de corpo e música da contra cultura” (GILROY, 2012, p. 164). Gilroy também observa que no *hip hop* há os elementos pedagogia, afirmação e brincadeira, pois mobilizam um discurso construído pela “ideia de uma diáspora composta de comunidades, que são similares *e ao mesmo tempo* diferentes tendem a desaparecer em algum ponto entre as invocações de uma mãe-terra africana e os influentes comentários críticos sobre as condições locais imediatas” (GILROY, 2012, p. 182, grifos do autor).

Por isso, cada um desses elementos tem um aprofundamento em seu cerne que envolve o convite à libertação, ou como Césaire destaca da Negritude, uma “literatura pirata”, no sentido de que “se apropriou de uma língua, mas ao mesmo tempo ‘a recarregou e revitalizou’” (CESAIRE apud DIAGNE, 2017, p. 34). Nessa apropriação, eu penso juntar os três elementos do *hip hop* e a “literatura pirata” para construir uma “filosofia rítmica” que “saqueia” a linguagem “oficial” para o fazer da poesia e transforma “a língua primordial que é, simultaneamente, ‘nostalgia e profecia’, [num] movimento aberto na direção da redenção de ‘recuperar o Ser e intensificar a Vida’” (CESAIRE apud DIAGNE, 2017, p. 34).

Sendo assim, na esteira de “O rap é compromisso, não é viagem/ Se pá fica esquisito, aqui, Sabotage” (SABOTAGE, 2000), a filósofa e o filósofo precisam assumir compromisso, posicionar-se diante dos problemas sociais que emergem e submergem conforme a variação do pensamento humano. E se é tão difícil afastar-se do universalismo, ao menos que produzam um concreto em que a singularidades possam ser percebidas e não obliteradas. Inclusive, caso isso não venha a acontecer, o efeito é similar ao “de uma bomba cultural”, que “aniquila a crença das pessoas nos seus nomes, nos seus idiomas, nos seus ambientes, nas suas tradições de luta, em sua unidade, em suas capacidades e, em última instância, nelas mesmas” (WA THIONGÓ, 2005, p. 3). Certamente, eu sei que como canta Racionais MC’s (2002) “A vida é desafio”, pois essa “bomba cultural” nos faz viver.

No Mundo moderno, [em que] as pessoas não se falam
Ao contrário se calam, se pisam, se traem e se matam
[E não importa se] Embaralho as cartas da inveja e da traição
Copa, ouro e uma espada na mão

[No fim] O que é bom pra si e o que sobra é do outro
Que nem o sol que aquece, mas também apodrece o esgoto.

Nessa batida convido iniciar a escrita/fala filosófica com “Eu vou compartilhar uma história com vocês” (AMIRI, 2019), na intenção de trazer as diversas implicações – por mais que a temática seja complexa, longe da realidade – ao destacar a diferença como constituinte das relações humanas. Inclusive, o ato de distanciar-se do mundo, recorrente no cientificismo moderno, no fundo só vem a revelar o seguinte: “Você quer o mundo pra você,/ enquanto eu quero algo pra mim/ Algo que foi roubado por você, algo que vá mudar o fim/ Você quer o mundo pra você e/ Não importa o quanto custe ou quantas vidas custem/ Ou o que eu sinta como ser” (AMIRI, 2019).

Esse sentimento para captar o ser resulta num movimento contra a indiferença que nesse ensaio é exposto por uma sonoridade à filosofia, pois também concordo com Édouard Glissant (1991), para quem o ato de compreender a música, no gesto e na dança, é uma forma de comunicação repleta de significados atribuídos a outros discursos. Inclusive é uma comunicação segundo a qual “a forma estética em nossas culturas deve ser moldada a partir dessas estruturas orais” (GLISSANT, 1991, p. 248). Outro pensador que contribui para essa empreitada é Muniz Sodré (2017), O autor define uma “filosofia afro” como “constelação simbólica dos nagôs, a filosofia – em que a música é central como manifestação radical do axé – se expressa esteticamente, ancorada no sensível como fundamento da *Arkhé*” (SODRÉ, 2017, p. 163). Isso quer dizer: “as imagens sonoras são tanto auditíveis quanto táteis”, pois sendo regida pelo *axé* “a música é *primordialmente vibratória*, orientando-se pelas modalidades de execução rítmica, do canto e da dança, em que a percussão é fundamental” (SODRÉ, 2017, p. 140, grifos do autor), ou seja, uma “filosofia a toque de atabaques”.

Acrescento ainda um último ponto: se o pretuguês conforme Lélia Gonzalez (2020) é a marca da africanização da nossa linguagem, então como fazer filosofia africana em território pretuguês? Para responder a essa pergunta, convido a todos e a todas ouvir os passos e as vozes de Thiago Elniño, Djonga, Rincon Sapiência, Preta Rara e Jup do Bairro naquilo que identifico como três condições diaspóricas para assentar a ancestralidade africana na nossa escrita. E, por conseguinte inserir um...

Ritmo na escrita

Essa seção é uma escrita experimento em que a atitude de escrever filosoficamente como sonoridade é colocada em movimento. Um movimento que espero envolver uma reflexão

sobre o próprio papel da filosofia contemporânea, em que os atores e atrizes dos movimentos sociais são importantes para problematizar as questões que nos circundam. No caso desse ensaio em específico, a presença estará nas letras de Reppers como citações filosóficas. Agora vamos à canção/escrita filosófica.

Laroiê, exú ê mojubá!

Pedindo licença pra entrar na encruzilhada, Thiago Elniño (2019) firma a abertura: “Somos todos filhos de um Deus que dança/ Feliz como criança, sábio como ancião!”. E com essa abertura eu exponho a primeira condição diaspórica: conexão espiritual; na qual “Minha percepção de mundo diz que nós/ Mesmo não vendo nada em volta, / nunca estamos sós” (ELNIÑO, 2017).

Essa percepção revela cada parte de nosso corpo interligado ao cosmos em que o tempo cronológico se desvanece com seu início, meio e fim; na verdade, seguindo Lêda Maria Martins (2022, p. 81), o tempo espirala no corpo negro com as performances da oralitura, já que “a performance ritual é, pois, simultaneamente, um riscado, um traço, um retrós, um tempo recorrente e um ato de inscrição, uma afrografia. Nessa gramática rítmica[...]” marca uma transmutação do lugar que para Elniño (2019) é onde “Eu sinto a alma ser tocada/ eu sinto uma conexão/ É algo que a ciência explica/ Quando encontra a magia/ E subverte completamente a razão”.

Subversão, pois se normalmente fazem da diáspora um acontecimento que nos provoca o receio “De saber de onde tu veio/ De saber quem você é/ e também fazem/ tu achar feio/ Você ver de onde tu veio/ Destruíram sua fé” (ELNIÑO, 2017), então para contrariar essas estagnações, buscamos nossas raízes.

Pois foi sem elas que
por falta de identidade
Que eu vacilei, ramelei, não vi
Que eu era bem diferente
Dos caras que estavam ali
Na Mtv
Mas enfim acordei e entendi que pertencemos a algo bem maior
Que o contato com minha ancestralidade
Concedeu. (ELNIÑO, 2017)

Desse modo, eu penso a ancestralidade como atuando em nós, uma sensação que conjuga natureza e cultura e faz, conforme Antônio Bispo dos Santos, nos biointeragirmos com cada ser vivo e, por efeito, seguindo Elniño, sentimos que nossos “tambores tocarão/Até que a

noite encontre o dia/ Omulu traz cura em forma de melodia/ Que Iansã nos faça a gira da prosperidade/ Pra cada moleque preto/ Nos cantos dessa cidade” (ELNIÑO, 2017). Uma vez escutados esses cantos, os gritos das mães de Gamboa de Jacarezinho não serão apenas denúncia de descartabilidade da carne negra, pois essa carne sendo vista como um “animal peçonhento” justifica a morte a pauladas ou produz uma inércia³. Porém, com os gritos sendo ouvidos se mostrará a justiça em que, para El Niño, “Vocês vão ter uma kalakuta/ E um Palmares em cada esquina/ Orixás descerão/ E aí vocês verão/ No dia que nossa fúria fez/ O céu se enterrar no chão” (ELNIÑO, 2017). Ou seja, uma política que avalia a dispersão de povos dos continentes não pelos “olhos azuis”, mas pela vitória “que mostrou que o impossível não era improvável/ E o que não era tranquilo se fez favorável/ e assim anuncia que a história contada depende de quem vai contar” (ELNIÑO, 2017).

Com esse anúncio trago a segunda condição diaspórica – territorialidade – por meio dos versos livres de Rincon Sapiência (2019), com “Nosso Ritmo”, o qual mostra que “aqui é mais uma pra gente entender/ O como o nosso lugar e o continente africano/ não é tão longe, certo?”. Pois essa proximidade manifesta-se no toque de cada pessoa no solo ritmado pelo humano e pela natureza, confirmando a sentença de Senghor, “danço, logo existo”. E Rincon (2020) acrescenta:

A dança é como ginástica
Ela tem a cintura elástica
Ancestralidade em prática
Eu confesso que é nossa tática
Afinal de contas, multiplica
Essa multidão, matemática
Sente o batidão, tenho gratidão
Bênção nossa mãe Dona África.

Uma gratidão por cada movimento do corpo expressado nas danças que unificam corpos até então dessemelhantes não para dissolver as particularidades, mas para expurgar as dissonâncias entre “eu e ele” e fazer um nós no mundo. Aí então, “Não tem problema nenhum/ Se seu corpo balançar/ [e se] Eles vão achar que é gandaia/ Eu vou dizer que é legítimo, [pois]/ No baile é rabo de saia/ Na luta é rabo de arraia/ Capoeira, minha laia/ Meu ritmo” (SAPIÊNCIA, 2020). Contudo a coisa tá preta, não, não, tem que estar branca para alguém se

³ Há aqui três menções a acontecimentos infelizes, mas recorrentes na nossa sociedade: 1) a ação da polícia militar na comunidade Solar do Unhão na região da Gamboa em Salvador, que assassinou três jovens; 2) a ação da polícia militar do Rio de Janeiro em que chacinou 28 pessoas na favela do Jacarezinho; 3) a expressão “animal peçonhento”, dita numa reportagem referindo ao modo como três pessoas assinaram o imigrante congolês Moise Mugenyi Kabagambe a pauladas no bairro Copacabana do Rio de Janeiro.

importar, não interessa para eles se concordamos com Baco (BLUES, 2018) que “Tudo que quando era preto era do demônio/ E depois virou branco e foi aceito,/ eu vou chamar de blues”, pois eles querem o mundo para si, nem que precise inventar origens.

As disciplinas constroem suas próprias origens e encenam o nascimento de seus pais fundadores. Em uma palavra, as disciplinas constroem suas próprias mitologias: Marx, Weber e Durkheim como pais da sociologia; ‘os gregos’ como pais da filosofia; Newton como pai da física moderna, etc. (CASTRO-GOMEZ, 2007, p. 84).

Por isso, precisamos conectar o nosso lugar à África para assim, seguindo Rincon (SAPIÊNCIA, 2017), quando ouvirmos o

Ritmo tribal no baile nós ginga
Cada ancestral no tronco nós vinga
Cada preto se sente Zumbi
E cada preta se sente a Nzinga
[e acrescentar dizendo que se]
pela minha raça não tem amor
Lava a boca pra falar da minha cor
Se eles quiser provar do sabor
Peça benção pra bater no tambor.

A partir disso, chamo a terceira condição diaspórica – a continuidade – pelos “versos com grito” de Djonga (2019), e já lanço que “Olhe pra sua nega véia e entenda/ Que num é em blog de hippie boy que se aprende sobre ancestralidade”. A bença dela nos invade, nos emociona, nos guia para irmos em frente sem esquecer de olhar para trás. Ainda mais que aquilo que alcançamos não é resultado de um mérito individualista, mas de um coletivo que passa por nós, mesmo se não prestarmos atenção em quem nos conecta. Por isso Djonga (2019) afirma: “Esse disco é sobre res-ga-te/ Pra que não haja mais res-quí-cio/ Na sua mente que te faça esquecer/ Que você é o dono do agora,/ mas o antes é mais importante que isso”. Assim, se o branco quer o mundo para si pois já percebeu que “O mundo é nosso”, Djonga (2016) nos ensina que “Sejamos Abraham Lincoln, independência/ Com a pele de Barack Obama/ Sejamos Tupac Shakur, Afeni Shakur/ Achemos a cura pra nossa insegurança”. Que é geralmente produzida pelo racismo que impede de vermos tal como a noite

Como fosse um blackout, cê vê tudo preto
São meus manos, minhas minas
Meus irmãos, minhas irmãs, yeah
O mundo é nosso, hã
Tipo a noite, cê vê tudo preto
Tipo um blackout, cê vê tudo preto
São cantos de esquinas, de reis e rainhas
Yeah, o mundo é nosso. (DJONGA, 2016)

Para conversarmos ainda sobre a terceira condição diaspórica, trago a voz de Preta Rara (2018), que entoia “Da vida o que se leva é o aprendizado/ E o que se deixa é a semente forte do legado”. É pelas sementes que expressamos a resistência de cada vivência ancestral graças ao Arauto, pois “Onde estava a vergonha na cara do contratante/ Que escolheu cabelo liso e rejeitou os meus turbantes [?]/ Fui intitulada mão de obra barata/ Não me enverguei graças ao ensinamento de Afrika Bambata” (PRETA RARA, 2018). Preta Rara acrescenta que dizer a verdade não é para poucos, de fato é ser alguém para muitos, pois “Sem rosas do vento ou bússola achei meu norte/ Ancestralidade me guiou para a trilha do forte/ Navios negreiros, gemidos, tormentos, eu ouço/ E que se foram com o tempo” (PRETA RARA, 2018). Ou, se conforme Djonga (2016), “Cada bala de fuzil é uma lágrima de Oxalá/ Mas na rua né não, na mão dos cana né não/ Na cintura era um celular e eles confundem com um oitão”, então precisamos ter a audácia de Preta Rara para afirmar “Sou fruto daqui coração, corpo, mente e alma/ Espírito nativo a flora e a fauna/ Quebro concreto, não sou objeto/ Tenho palavras pra romper demais o meu dialeto” (PRETA RARA, 2018).

Essa condição de afirmar a própria vida é desafiada, pois do corpo negro, como fosse uma espécie fungível, desconfiam que ali exista humanidade. De fato, eles entendem, como diz Fred Moten (2023), como sendo uma “mercadoria-falante” que resiste tal como um objeto e, resta a eles negativizar “a performance do nascimento e renascimento de uma nova ciência, uma fantasia filogenética que (des)instituíra gênese, a reprodução da pretitude em e como (a) reprodução da(s)performance(s) preta(s)” (MOTEN, 2023, p. 41). Porém, Jup do Bairro expõe o incômodo da sua re-existência, já que “eu sou o problema que escondem desde a colonização” (BAIRRO, 2019). Um problema que sempre retorna, e quando vem à superfície tentam afogar transformando-o no seu crime mais hediondo, e atenuam a culpa dizendo ser uma manifestação demoníaca. Mas esse corpo-carne teimoso levanta-se e afirma “eu sou quem anda no vale da morte sem/ Orientação/ eu sou as crianças inocentes que usavam de tanto chorar/ eu sou aquela que tem sempre alguém a tentar silenciar/ [...] eu sou quem ouve a desculpa era uma noite escura” (BAIRRO, 2019).

Uma desculpa que ressoa um passado de contínua desumanização, de ausência de reconhecimento, de apropriação de conhecimentos. Mas retomo Preta Rara (2018), pois ela levanta a voz: “Oh tiraram minha terra de mim/ Tiraram meu povo de mim/ E eu luto mesmo assim”. Um retirar movimentado por uma “guerra de homens”, inclusive para Jup do Bairro (2020), “Se homens se amam/ Ciúmes, se hímen, se unem/ A quem costumeiramente ama,/ a mente ama também”; ou ainda para Preta Rara (2018): “Me levantei no anonimato pra poder

reivindicar/ Contrariei as estatísticas de fato/ Mulher de orgulho fina,/ Diva que não cai do salto”.

Assim podemos dizer que homens determinam não quem está vivo, e sim quem merece viver. Para isso inventam uma série de orações, o que para Jup apenas oculta que “Entre a oração e a ereção/ Ora são, ora não são/ Unção, bênção/ Sem nação” (2020). Como vocês puderam perceber, eu trouxe três condições diaspóricas, que uma vez apreendidas, enfatizam, conforme ecoa Negra Li (2018): “Já é tempo de sonhar, superar o pesadelo/ Ninguém mais vai nos calar /e acorrentar o meu tornozelo”; principalmente pelo fato de que se “Minha dor é de cativo/ A sua é de cotovelo” e por isso rogo “Axé e muito amor/ Com batuque de tambor/ Pro meu ancestral Nagô”.

Volta sem caminho

Nos versos entoados, percebemos espiritualidade, território e continuidade como três elementos marcadores da ancestralidade africana que se transmutam em expressões da cultura diaspórica. Ademais, na escolha de algumas letras de ReP pretendi trazer a oralidade para a escrita, no desejo de abrir uma fenda de interferência no cientificismo fundado num universalismo abstrato que produz uma série de silenciamentos.

Com isso eu proponho uma conversa de filosofias, similar ao *karingana wa karingana* em Moçambique. No momento em que são ditas tais palavras, rapidamente se toma a atenção para iniciar o relato de uma história. Nesse sentido, o ato de fazer filosofia entoando canções é para discutir ética, política, ontologia, epistemologia, vendo, ouvindo, provando, sentindo gestos e danças das palavras do corpo do texto. Porém, os filósofos canônicos podem questionar: e nós, como é que ficamos? “Cumé” que fica eu não sei, mas se aqueles e aquelas ditos como corpos sem juízos que ninguém quer conhecer, preocupar-se, mas resistem, insistem e existem, estão falando e escrevendo, é porque “neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa” (GONZALEZ, 2020, p. 69). E conforme Jup do Bairro (2020) já avisou: “Não quero ter o controle de todo esse corpo sem juízo/ Um corpo sem juízo que não quer saber do paraíso/ Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso”.

Além do mais, lembrando que ReP é compromisso! Então a minha intenção de escrever uma filosofia em ritmo e poesia inicia no ouvir as vozes da diáspora para apreciar uma coletividade de afetos inundados na previsão dos sentimentos, já que, como sinaliza Baco (BLUES, 2017), “Sabendo que melhor que sentir o beijo/ É a sensação antes de senti-lo/ Senti

Exu/ Virei Exu/ Esse é o universo no seu último cochilo”. Então vamos despertar a escrita na
firmação filosófica:

Exú é o dono da rua
Foi ele quem veio de lá
Seu reinado é do povo da lira
Mensageiro, ele vai te ajudar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIRI. *Um dia de injúria*. O.N.F.K. São Paulo: Mudroi, 2019.

BISPO DOS SANTOS, A.; GOLDMAN, M. “Metafísica na Rede: debate – Cosmopolítica e Cosmofobia”. Brasília, 5 ago. 2020. 1 vídeo (1h53m30s). *Webinário publicado pelo Programa de Pós-Graduação em Metafísica da Universidade de Brasília*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBlhkKzzHmo>. Acesso em: 15 de março 2023.

BLUES, Baco Exu do. *Bluesman*. São Paulo: 999, 2018.

BLUES, Baco Exu do. *Esú*. São Paulo: 999, 2017.

CASTRO-GOMEZ, Santiago. “Decolonizar la universidad: La hybris del punto cero y el diálogo de saberes”. In: _____ (org.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre colonialismo*. São Paulo: Editora Veneta, 2021.

DIAGNE, Souleymane Bachir. “Negritude como movimento e como devir”. *Ensaio Filosófico*, Volume XV, Julho/2017, p. 25-35. Disponível em http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo15/02_DIAGNE_Ensaios_Filosoficos_Volume_XV.pdf Acesso em 13 de março de 2023.

DJONGA. *Heresia*. São Paulo: Ceia, 2017.

DJONGA. *Ladrão*. São Paulo: Ceia, 2019.

ELNIÑO, Thiago. *A rotina do pombo*. São Paulo: Thiago Elniño, 2017.

ELNIÑO, Thiago. *Pedras, flechas, espadas e espelhos*. São Paulo: Thiago Elniño, 2019.

GILROY, Paul. *Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2012.

GLISSANT, Edouard. *Caribbean Discourse*. Virginia: University of Virginia Press, 1991.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Por um feminismo ladino-americano*. São Paulo: Zahar editora, 2020.

JUP DO BAIRRO. *Corpo sem juízo*. São Paulo: Tratore, 2020.

JUP DO BAIRRO. *Sou eu*. Badsista prod. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H5wypKJjhRM> Acesso em 20 de março de 2023.

- MARTINS, Lêda Maria. *Tempo espiralar: Performances em corpo tela*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2022.
- MOTEN, Fred. *Na quebra: a estética da tradição radical preta*. São Paulo: N-1 edições, 2023.
- NEGRA LI. *Raízes*. São Paulo: WhiteMonkey Recordings, 2018.
- OLIVEIRA, Eduardo David. *Filosofia da Ancestralidade*. Rio de Janeiro: Apeku Editora, 2020.
- PRETA RARA. *Ao vivo no estúdio Showlivre*. São Paulo: Showlivre, 2018.
- RACIONAIS MC'S. *Nada como um dia após o outro*. São Paulo: Boogie Naípe, 2002.
- SABOTAGE. *Rap é compromisso!* São Paulo: Cosa Nostra, 2000.
- SAPIÊNCIA, Rincon. *Galanga Livre*. São Paulo: Boia Fria Produções, 2017.
- SAPIÊNCIA, Rincon. *Mundo Manicongo*. São Paulo: Boia Fria Produções, 2019.
- SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência*. poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Ed. Parábola, 2011.
- WA THIONG'O, Ngũgĩ. *Decolonising the mind: the politics of language in African literature*. Oxford: James Currey; Nairobi: EAEP; Portsmouth: Heinemann, 2005.